

AMNEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras**: por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. Campinas: Autores Associados, 2007. 238p.

Resenhado por Valéria Alves Paz*

O livro “Ler as Letras – por que educar meninas e mulheres?” escrito por Jane Soares de Almeida e publicado pela editora Metodista (2007), trata da imagem culturalmente construída da mulher por meio da religião e da educação, durante o período republicano, na cidade de São Paulo. O tema trata sobre mulheres e aspectos de suas histórias na educação brasileira, descrevendo sua valorização através do modo como deveria ser a mulher perante a sociedade, reflexo de um sistema religioso da época.

A autora Jane Soares Almeida é pós-doutora pela Universidade de Harvard, professora e pesquisadora do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, após ter se aposentado na Universidade Estadual Paulista. Dedicar-se a temas na área de História da Educação, História das Mulheres e Estudo de Gênero. Autora de livros e artigos científicos, também tem voltado sua escrita para literatura, escrevendo contos, poesias e romances.

O livro está organizado em quatro capítulos: O primeiro capítulo intitulado Mulheres, educação e religião: os paradigmas de submissão e os modelos de resistências fazem um recorte da história das mulheres, descrevendo como ocorreu a trajetória do movimento feminista ocidental, o início e a luta da educação feminista no Brasil, a diferença entre sexos em relação ao desenvolvimento intelectual e comentando sobre a vida socioeconômica diferenciada por suas culturas. Ainda neste capítulo, Jane faz uma ressalva sobre: As mulheres como destinatárias das ideologias culturais e religiosas; mostrando que a herança portuguesa influenciou em grande parte na construção da identidade feminina dessas mulheres brasileiras, demonstrando isso quando aborda, na sua obra, o assunto Normalizando corpos e esculpindo almas: a educação feminina e a religiosa. Ainda no primeiro capítulo, através de sua pesquisa, a autora descreve a importância que a religião assumiu na construção da identidade feminina.

Recebido em: abril/2012 – Aceito em: maio/2012

* Mestranda em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: valpaz1501@gmail.com.

No segundo capítulo, *A educação católica Feminina e a permanência da tradição luso-cristã, no período de 1870 a 1930, em São Paulo*, a autora comenta sobre o legado educacional do catolicismo ultramontano, normatizando condutas femininas pela visão religiosa, através de colégios católicos coordenados por irmãs oriundas da Europa, assim dando continuidade a educação já desenvolvida para as filhas das oligarquias em suas casas. Ressalta a educação mista e a co-educação nesse mesmo período, orientado pelas normas protestantes e repudiado pelos segmentos conservadores do catolicismo.

Jane, em seu terceiro capítulo intitulado: *O protestantismo missionário norte-americano e a educação feminina* destaca que os protestantes norte-americanos criaram o sistema educacional de pequenas escolas, distribuídas pelo o interior da cidade de São Paulo, com o objetivo de divulgar o evangelho, com ideias igualitárias indiferenciado os sexos. Vale aqui também destacar Os valores éticos e educacionais protestantes e a importância do magistério feminino que permite pensar sobre a educação das mulheres numa perspectiva protestante em contraponto à visão dos norte-americanos.

A co-educação dos sexos: uma ambiguidade moral e religiosa, é relatada pela autora no quarto capítulo, através de uma discussão sobre as classes mistas na educação pública e na religiosa, contrariando os ideais dos legisladores da época. Os católicos conservadores combatiam a prática educacional mista, baseados em razões morais, já os protestantes eram favoráveis a essa prática por razões econômicas. No percurso desse capítulo encontramos um comentário sobre a liberdade da mulher e a profissionalização, vinculando as mulheres como educadoras, principalmente da educação protestante.

Em suas considerações finais, a autora, embasada teoricamente nas categorias de gênero, educação e religião, volta seu olhar para a mulher dos dias atuais. Ao final de sua reflexão conclui que tanto os protestantes quanto os católicos tinham o mesmo olhar sobre a mulher, “[...] Muda o cenário, mas os personagens continuam os mesmos” (p. 23). Comenta sobre a educação feminina frente os positivistas e católicos, em relação ao seu papel social, suas tradições culturais, “[...] nos quais a educação era a mola propulsora para o desenvolvimento, [...] deixar de ser incluídas nas suas formulações” (p. 213).

Ao falar de gênero a autora comenta que a relação desse estudo não pode ser somente feminina [...] não é possível de clarificar as diferenças existentes entre homens e mulheres e que a adoção do enfoque naturalista, [...] serve para justificar os mecanismos de opressão

e dominação (p. 219). Evidencia a importância da ideologia religiosa na educação. Tenta mostrar que mesmo em tempos atuais não é garantido uma educação não diferenciada, principalmente de atividades lúdicas e recreativas “[...] menino brinca com bola e menina brinca com boneca! As meninas gostam de desenho, e os meninos, de matemática. [...] Meninas serão mães e meninos...?” (p. 223).

A leitura desta obra é agradável, de fácil compreensão, propiciando ao leitor uma cumplicidade na absorção/reflexão das informações. A autora, em sua escrita, referencia importantes elementos na análise da educação feminina que podem servir de bagagem para pesquisas no âmbito da história da educação, especialmente no que condiz a participação da Igreja Católica. Recomendo a leitura para pesquisadores em História da Educação, mulheres e todos os interessados em compreender a escolarização. Como aponta a autora “[...] considerar que as emoções e as crenças fazem parte do ato de escrever e de criar, [...] os que escrevem não seriam os edificadores de sonhos que crêem em utopias possíveis” (p. 23).

